

## “EXISTIRMOS: A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?” NOSSA EXISTÊNCIA À LUZ DO PACTO DA CRIAÇÃO

*Flávio Américo Dantas de Carvalho\**

### RESUMO

A única resposta correta à pergunta sobre o porquê de existirmos é a que nos é dada pelas Escrituras. O objetivo deste artigo é demonstrar isso. Para tal, a questão da existência humana será analisada a partir do Pacto da Criação, mais especificamente conforme expresso em Gênesis 1-3. Conforme ensina a cosmovisão reformada, fomos criados para glorificar a Deus e é isso que dá sentido à vida. Diferentes cosmovisões da sociedade contemporânea dão outras respostas à pergunta fundamental citada acima, sendo as duas mais importantes na atualidade, e que serão aqui confrontadas com a teologia reformada, o Naturalismo e a Pós-modernidade. Para a primeira visão de mundo, somos filhos do acaso e a razão de existirmos é a procriação. A segunda concorda com a perspectiva naturalista quanto à nossa origem; por outro lado, considera a vida sem sentido.

### PALAVRAS-CHAVE

Teologia reformada; Teologia dos pactos; Pacto da criação; Cosmovisão; Gênesis 1-3; Naturalismo; Pós-modernidade.

### INTRODUÇÃO

A música de onde vem o título deste texto foi escrita pelo baiano Caetano Veloso,<sup>1</sup> depois de uma visita, em Teresina, ao pai do poeta piauiense Torquato

---

\* Pastor auxiliar na Igreja Presbiteriana de Natal (RN); licenciado e mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul; aluno do Programa de Doutorado em Ministério do Reformed Theological Seminary e do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.

<sup>1</sup> VELOSO, Caetano. *Cajuína. Cinema Transcendental*. Salvador: Polygram/Philips, 1981.

Neto, que se suicidara no Rio de Janeiro, deixando a esposa e um filho de uns três anos de idade.<sup>2</sup> Diante da morte como escolha pessoal para fugir do mundo e suas dores, a canção pergunta sobre o porquê de existirmos.

Outra formulação artística sobre o suicídio como forma de fuga das dores da vida está em *Hamlet*, de William Shakespeare. Na peça há o famoso monólogo “Ser ou não ser – eis a questão”.<sup>3</sup> Essa cena mostra o dilema do atormentado príncipe, cujo pai fora assassinado, sobre se continua sofrendo “pedradas e flechadas do destino feroz”, isto é, “ser”, ou se pega “em armas contra o mar de angústias – e, combatendo-o, dar-lhe fim”, significando matar-se, “não ser”.<sup>4</sup>

A expressão passou para a tradição teatral e o imaginário popular como sendo uma questão mais ampla do que continuar vivendo ou matar-se, significando uma reflexão sobre o sentido da existência. Daí misturar-se o monólogo de Hamlet com outra cena, na qual o mesmo personagem, agora conversando com outras pessoas, segura a caveira de Yorick (bobo da corte que brincava com o príncipe quando este ainda era criança) e reflete sobre a morte e o fato de que todos, nobres ou não, estão destinados a se tornarem caveiras repugnantes e fétidas.<sup>5</sup>

Perguntar sobre o porquê de existirmos não é uma questão apenas da esfera das artes. O suicídio é um grave problema na sociedade contemporânea. A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que, a cada quarenta segundos, uma pessoa comete suicídio no mundo.<sup>6</sup> Segundo o Ministério da Saúde do Brasil, em dados de 2017, até o final do dia de hoje trinta pessoas terão se matado em nosso país, mais de uma pessoa por hora.<sup>7</sup>

O suicídio tem como causa diversos fatores, tais quais doenças psíquicas, questões culturais (por exemplo, a ideia de honra no Japão) e motivações religiosas (para citar um exemplo, a *jihad* do islamismo). No entanto, um dos motivos tem a ver com o desespero do homem contemporâneo, cujas cosmovisões<sup>8</sup> são

---

<sup>2</sup> “Altas horas – explicação de Cajuína”. Direção e produção: Serginho Groisman e Adriana Ferreira. Programa de televisão. Rio de Janeiro, Rede Globo, 01/02/2014. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/3119899/>>. Acesso em: 04 maio 2018.

<sup>3</sup> SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 67.

<sup>4</sup> Ibid.

<sup>5</sup> Ibid., p. 123.

<sup>6</sup> “OMS: suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo”. ONUBR, Brasil, 12/11/2016. Seção desenvolvimento sustentável. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oms-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo/>>. Acesso em: 05 maio 2018.

<sup>7</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE. “Setembro amarelo: Agenda Estratégica de Prevenção do Suicídio”. Brasília: Portal do Ministério da Saúde, 21/09/2017. Disponível em: <<http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/Coletiva-suicidio-21-09.pdf>> Acesso em 05 maio 2018.

<sup>8</sup> Por cosmovisão, quer-se dizer “a estrutura compreensiva da crença de uma pessoa sobre as coisas”, conforme WOLTERS, Albert M. *A criação restaurada: base bíblica para uma cosmovisão re-*

desprovidas de respostas corretas às perguntas antigas e essenciais: De onde viemos? Quem somos e por que estamos aqui? Para onde vamos?

O objetivo deste artigo é demonstrar que a única resposta correta à pergunta feita pelo poeta baiano acima mencionado é a que nos é dada pelas Escrituras. Isso será feito comparando a cosmovisão reformada com as duas principais respostas filosóficas dadas na sociedade contemporânea à questão do porquê de existirmos. Tal discussão passa necessariamente por questões sobre o passado, o presente e o futuro da humanidade. O recorte da Teologia Reformada que será abordado aqui é o chamado Pacto da Criação, mais especificamente conforme expresso em Gênesis 1-3.<sup>9</sup>

Antes da comparação entre as cosmovisões, explicar-se-á, sumariamente, o que é e qual a importância da Teologia dos Pactos, da qual o Pacto da Criação é parte integrante. Depois, serão abordadas as duas principais cosmovisões contemporâneas e suas respostas às questões sobre o passado, o presente e o futuro do homem. Por fim, se demonstrará como o Pacto da Criação responde à questão “existirmos: a que será que se destina?”

## 1. TEOLOGIA DOS PACTOS

A Teologia dos Pactos (também chamada Teologia Federal, do latim *foedus*) é uma sistematização teológica que se organiza, tradicionalmente, a partir de três grandes pactos: (1) o Pacto da Redenção (entre Deus Pai e Deus Filho),<sup>10</sup> (2) o Pacto da Criação, feito entre Deus e Adão, sendo este último o representante federativo da humanidade,<sup>11</sup> e (3) o Pacto da Graça, no qual Deus, de forma livre e bondosa, oferece aos pecadores “a vida e a salvação por Jesus Cristo, exigindo deles a fé nele para que sejam salvos; e prometendo dar

---

formada. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 12. O conceito não se aplica apenas aos indivíduos, já que também está ligado à preponderante forma de ver o mundo em determinado grupo ou período histórico. Fundamental para o desenvolvimento do conceito é a obra: KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

<sup>9</sup> Usa-se o nome Pacto da Criação ao invés de Pacto de Obras porque, concordando com Palmer Robertson, o último termo contribui para limitar o foco da discussão à questão relativa ao não comer da árvore da vida. O termo Pacto da Criação engloba, além do referido mandamento, as responsabilidades humanas, que perduram ainda hoje, mesmo depois da Queda, de “multiplicar-se, dominar a terra e oferecer o trabalho de suas mãos para a glória do Criador/Redentor”. ROBERTSON, O. Palmer. *O Cristo dos pactos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 45.

<sup>10</sup> “Este foi um pacto eterno entre o Pai e o Filho, segundo o qual o Filho tornou-se fiador por seu povo, comprometendo-se a obedecer e sofrer em seu lugar e recebeu a promessa de tudo o que pertence à graça e à salvação”. MACLEOD, Donald. “Covenant Theology”. In: CAMERON, Nigel M. de S. (Org.). *The Dictionary of Scottish Church History and Theology*. Edinburgh: T&T Clark, 1993, p. 215. Minha tradução.

<sup>11</sup> Assim se expressa a *Confissão de Fé de Westminster*, 7.2: “O primeiro pacto feito com o homem era um pacto de obras; nesse pacto foi a vida prometida a Adão e nele à sua posteridade, sob a condição de perfeita obediência pessoal”.

a todos os que estão ordenados para a vida o seu Santo Espírito, para dispô-los e habilitá-los a crer”.<sup>12</sup>

Por causa do escopo deste trabalho, a discussão se limitará ao Pacto da Criação. O Pacto da Graça aparecerá na discussão, embora não seja exaustivamente tratado. A sua aparição se deve ao fato de a cosmovisão reformada ser cristocêntrica, sendo uma violação desse princípio tratar os três primeiros capítulos da Bíblia sem falar de Jesus Cristo, de quem toda a Escritura trata (Lc 24.27, 44; Jo 5.39; etc.).<sup>13</sup> Junto ao motivo cristocêntrico, colabora para que o Pacto da Graça apareça nessa discussão o fato de que um redentor já é prometido em Gênesis 3.15.

O Pacto da Redenção também não será discutido por causa das delimitações próprias deste artigo, já que essa relação pactual não é unanimidade na teologia reformada, fazendo com que seja necessário considerável tempo para justificar tanto sua inclusão quanto sua exclusão na Teologia dos Pactos. Um dos teólogos pactuais que discordam da formulação teológica do Pacto da Redenção é Palmer Robertson.<sup>14</sup> O argumento do pensador norte-americano é duplo. Em primeiro lugar, há escassez de textos bíblicos que tratam dos decretos de Deus antes da Criação, o que impede a afirmação sobre relacionamento pactual entre Deus Pai e Deus Filho antes do que é narrado em Gênesis 1-3. Em segundo lugar, Robertson nega a existência do Pacto da Redenção porque tal vínculo não poderia ser unilateral, sendo esta a única forma pactual aceita pelo teólogo. Quanto ao primeiro argumento, deve ser lembrado que os textos bíblicos que existem são suficientes, como argumentam Louis Berkhof e Donald Macleod, para provar um pacto entre o Pai e o Filho antes da fundação do mundo.<sup>15</sup> Em relação ao segundo argumento, ele também é falho por limitar o conceito da palavra hebraica *berith* (pacto) como tendo apenas sentido unilateral.

A Teologia Pactual possui uma longa história. Ela recebe esse nome, conforme Donald Macleod, porque “usa o conceito de pacto como um princípio arquitetônico para a sistematização da verdade cristã”.<sup>16</sup> Isso inclui entender

<sup>12</sup> *Confissão de Fé de Westminster*, 7.3.

<sup>13</sup> Neste trabalho, são usadas as Bíblias *Almeida Revista e Atualizada* (ARA) e *Nova Versão Internacional* (NVI). A tradução mais utilizada é a ARA. Sendo assim, só será identificada a versão quando ela for a NVI, ficando explicado, a partir daqui, que as passagens sem especificação são da ARA. *Bíblia de Estudo Almeida Revista e Atualizada*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999; *A Bíblia: Nova Versão Internacional*. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2006.

<sup>14</sup> ROBERTSON, *O Cristo dos pactos*, p. 51-52.

<sup>15</sup> BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 247-252; e MACLEOD, “Covenant theology”, p. 215-216.

<sup>16</sup> MACLEOD, “Covenant theology”, p. 214. Minha tradução. No original: “Covenant (or federal) theology is so called because it uses the covenant concept as an architectonic principle for the systemizing of Christian truth”. Além desse artigo, também discutem a história da Teologia do Pacto: BERKHOF, *Teologia sistemática*, p. 195-202; 243-278; e MEISTER, Mauro F. “Uma breve introdução ao estudo do pacto”. *Fides Reformata* III-1 (1998): 110-123.

que Deus lida e sempre lidou com a humanidade através de pactos, quer seja antes da queda, quer seja depois. Embora Calvino não tenha sistematizado o que chamamos hoje de Teologia Pactual, sua obra traz as sementes dessa abordagem, inclusive com a ideia de um pacto antes da queda.<sup>17</sup>

Geerhardus Vos, em um artigo intitulado “The Doctrine of the Covenant in Reformed Theology”, defende que, embora a Teologia dos Pactos tenha se desenvolvido no seio da teologia reformada, não basta afirmar que isso se deu porque os reformados mergulharam na Bíblia como única fonte de fé e prática, uma vez que os luteranos, pelo menos no período da Reforma Protestante e por longo tempo depois dela, também encararam as Escrituras dessa forma. A diferença, afirma Vos, está no fato de que o luteranismo é teologia feita a partir do homem, enquanto os teólogos influenciados por Calvino pensam a partir de Deus, partindo da ideia radical (fundamental) da “preeminência da Glória de Deus na consideração de tudo o que foi criado”.<sup>18</sup>

A cosmovisão reformada, ancorada na Teologia dos Pactos, entende a Bíblia como uma metanarrativa que contém quatro partes: Criação-Queda-Redenção-Consumação.<sup>19</sup> Gênesis 1-2 retrata a perfeição no Jardim do Éden; Gênesis 3 narra como essa relação harmoniosa é quebrada e promete um Redentor (3.15); de Gênesis 4 a Apocalipse 20, narra-se como a redenção é alcançada e como a serpente e a sua descendência são derrotadas de forma final; Apocalipse 21-22 dá um vislumbre da eternidade futura na cidade-jardim, a Nova Jerusalém, a consumação escatológica.

Essa metanarrativa (Criação-Queda-Redenção-Consumação) faz com que os cristãos entendam que o relacionamento pactual do Criador com Adão (Gênesis 1-2), o Pacto da Criação, tem certa continuação no Pacto da Graça. Adão perdeu seu estado original de pureza, todavia, “por causa desse relacionamento contínuo entre criatura e Criador, também pode ser dito que a aliança original de Deus com o homem continua a ter relevância permanente”.<sup>20</sup> Portanto, a

<sup>17</sup> MEISTER, “Uma breve introdução”, p. 113.

<sup>18</sup> VOS, Geerhardus. “The Doctrine of the Covenant in Reformed Theology”. In: VOS, Geerhardus. *Redemptive History and Biblical Interpretation: The Shorter Writings of Geerhardus Vos*. Phillipsburg: P&R Publishing, 2001, p. 242. Minha tradução.

<sup>19</sup> É mister observar que o cristão é alguém que vive uma redenção iniciada, mas que também a expectativa de ela ser consumada, a chamada tensão entre o “já” e o “ainda não” do reino escatológico inaugurado por Cristo. Segundo Anthony Hoekema, o que caracteriza a escatologia do Novo Testamento “é a tensão subliminar entre o ‘já’ e o ‘ainda não’”. O crente, assim ensina o Novo Testamento, já está na era escatológica mencionada pelos profetas do Antigo Testamento, mas ainda não está no estado final. Ele já experimenta a presença do Espírito Santo em si, mas ainda espera por seu corpo ressureto. Ele vive nos últimos dias, mas o último dia ainda não chegou”. HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o futuro*. São Paulo: Editora Cristã, 2012, p. 79. Ver também STOTT, John. *Ouçã o Espírito, ouçã o mundo*. São Paulo: ABU Editora, 2005, p. 419-438.

<sup>20</sup> ROBERTSON, *O Cristo dos pactos*, p. 45.

Teologia dos Pactos é “uma chave extraordinariamente útil para abrir o Antigo Testamento a partir de dentro de uma maneira textualmente precisa”.<sup>21</sup> O mesmo se aplica à totalidade das Escrituras.

A Teologia dos Pactos, do ponto de vista exegético, trabalha com a discussão da palavra hebraica *berith*, que pode ser traduzida como pacto ou aliança e aparece cerca de 280 vezes no Antigo Testamento. A tradução do livro *O Cristo dos Pactos*,<sup>22</sup> de Palmer Robertson, mantém no título da obra o termo “pacto” e usa ao longo do livro o termo “aliança”.<sup>23</sup> Desse modo, a definição de *berith* de Robertson, na versão em português, fica assim: “Aliança é um pacto de sangue soberanamente administrado”,<sup>24</sup> ficando um tanto quanto confusa. Analisando a obra, é possível entender que a ideia original é que *berith* (aliança ou pacto) significa um vínculo ou um relacionamento. De acordo com o autor norte-americano, uma aliança une pessoas e é essencialmente um laço inviolável. Deus “se propôs a criar e sustentar a sua criação, estabelecendo assim um vínculo que, segundo a própria Escritura, só pode ser um vínculo de amor”.<sup>25</sup> Isso decorre do fato de o Criador ser amor, conforme nos ensinam as Escrituras: “Deus é amor” (1Jo 4.16).

Pela expressão “de sangue” deve-se entender que implica em vida ou morte, isto é, tem caráter absoluto, obrigando os participantes “à fidelidade, sob pena de morte. Uma vez firmada a relação de aliança, nada menos que o derramamento de sangue pode libertar das obrigações contraídas”.<sup>26</sup> Um exemplo desse tipo de pacto está em Gênesis 15, no qual Deus e Abraão simbolizam, nos animais partidos ao meio, o sangue que deve ser derramando caso as estipulações pactuais sejam quebradas.

Quanto às palavras “soberanamente administrada”, Robertson, embora observe que existiam pactos bilaterais entre os homens ou entre nações, curiosamente, ao definir pacto, explica *berith* como sendo unicamente um vínculo unilateral. Meister, em sua “Uma breve introdução ao estudo do pacto”, esclarece melhor que a palavra hebraica em questão pode ter sentido unilateral e bilateral. Quanto ao relacionamento pactual entre Deus e os homens, temos o

<sup>21</sup> BARTHOLOMEW, Craig. G. “Covenant and Creation: covenant overload or covenantal deconstruction”. *Calvin Theological Journal*. Grand Rapids, Vol. XXX-1 (1995): p. 31. Tradução do autor.

<sup>22</sup> ROBERTSON, *O Cristo dos pactos*.

<sup>23</sup> Há uma nota sobre isso no próprio livro: *Ibid.*, p. 9.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 14.

<sup>25</sup> MEISTER, “Uma breve introdução”, p. 119. Sobre isso, a *Confissão de Fé de Westminster*, VII, 1, afirma: “Tão grande é a distância entre Deus e a criatura, que, embora as criaturas racionais lhe devam obediência como ao seu Criador, nunca poderiam fruir nada dele como bem-aventurança e recompensa, senão por alguma voluntária condescendência da parte de Deus, a qual foi ele servido significar por meio de um pacto”.

<sup>26</sup> ROBERTSON, *O Cristo dos pactos*, p. 19.

Criador e Senhor de tudo o que existe ditando, aos homens, os termos de seu pacto. Segundo o teólogo brasileiro, o relacionamento soberanamente administrado “é ilustrado pelos pactos do antigo Oriente Próximo entre conquistadores e conquistados, reis e vassalos”.<sup>27</sup> Nesses vínculos, as partes conquistadas não podiam interferir nos termos pactuais, embora as duas partes tivessem responsabilidades.

Concluindo, *berith*, quando pacto entre Deus e a humanidade, pode ser definido como sendo um relacionamento de amor, que parte do Senhor para o homem, e que possui estipulações pactuais, sob pena de morte para quem desobedecer a essas obrigações.

## 2. AS PRINCIPAIS RESPOSTAS FILOSÓFICAS CONTEMPORÂNEAS AO PORQUÊ DE EXISTIRMOS

Uma das tentativas de resposta sobre a nossa existência é o *Naturalismo*. De acordo com essa cosmovisão, o universo, como conhecemos hoje, é fruto de um longo processo de expansão de matéria e energia ao longo do espaço-tempo (tanto o espaço quanto o tempo sendo criados a partir da expansão). Antes disso, o universo estava imensuravelmente condensado e aquecido. De onde veio esse estado primordial e o que ocasionou essa expansão são incógnitas. O nome dessa teoria cosmológica é *Big Bang*, o que gera a impressão, bastante popular, de uma explosão como o começo de tudo. O mais apropriado é pensar no *Big Bang* como o rápido início desse processo de expansão.<sup>28</sup>

Quanto ao surgimento do homem, entende-se que ele nada mais é do que uma ínfima parte de um processo aleatório. Por acaso, surgiu uma galáxia (Via Láctea) e, dentro dela, uma distância apropriada entre um sol e um planeta (Terra). O sol nem está muito perto nem muito longe; está à distância necessária para a vida, que, por sua vez, também surgiu aleatoriamente. Processos envolvendo elementos químicos e energia, por puro acaso, geraram vida. Grosso modo, essa é a visão do Naturalismo sobre o surgimento da vida, sendo a vida algo que os naturalistas não conseguem definir, já que há visões discordantes entre eles sobre o que diferencia vivos de não vivos.<sup>29</sup>

<sup>27</sup> MEISTER, “Uma breve introdução”, p. 118. Meister também está correto ao defender que os povos do Antigo Oriente Próximo, ao usarem características pactuais semelhantes às características presentes no Pacto da Criação, estavam reproduzindo um padrão estabelecido por Deus desde o início do mundo.

<sup>28</sup> Encyclopaedia Britannica UK, Inc. *Big-Bang model*. Disponível em: <<https://www.britannica.com/science/big-bang-model>>. Acesso em 05 maio 2018; e GROTZINGER, John; JORDAN, Tom. *Para entender a Terra*. Porto Alegre: Bookman, 2013, p. 224.

<sup>29</sup> Desde o meu ensino médio, 1999-2001, discute-se se os vírus são seres vivos ou não. Sobre isso, ver: SCHWARTSMAN, Hélio. *Todos os “bugs” do mundo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/helioschwartzman/ult510u355778.shtml>>. Acesso em 05 maio 2018; e LOPES, Reinaldo José. *Tretas na origem da vida*. Disponível em: <<http://darwinedeus.blogfolha.uol.com.br/2014/12/08/tretas-na-origem-da-vida/>>. Acesso em 05 maio 2018.

O direcionamento para alimentação e multiplicação (junto com nascimento e morte) está na constituição elementar de um ser que vive e é o que o distingue de um outro não vivo. Conforme Adauto Lourenço, a vida é matéria mais informação, que direciona o ser vivo para seu funcionamento e multiplicação: “A macro-molécula do DNA possui [...] uma grande quantidade de informação armazenada em forma de substâncias químicas. Este código químico tem sido chamado de a linguagem da vida [...]”. Lourenço também afirma que “todas as experiências que tentaram construir vida em tubo de ensaio fracassaram, pois vida é mais que matéria [e energia]: é informação”.<sup>30</sup>

Por mais que o Naturalismo tenha dificuldade de distinguir seres vivos de seres não vivos, dentro do espectro do que ele chama de vida, ele afirma que a vida, seja lá o que isso signifique, surgiu por acaso. E os seres humanos? Para essa visão de mundo, depois de um longo processo de evolução do primeiro ser vivente, surgiram os primatas, e, a partir deles, em algum lugar da atual África, surgiu um grupo de primatas hoje chamados de *homo sapiens*. Essa perspectiva naturalista entende que as pessoas são apenas filhas da mesma aleatoriedade que gerou o universo e possibilitou as condições ideais para que surgisse vida, embora o Naturalismo não saiba exatamente o que significa essa palavra. Nessa visão de mundo, a humanidade é o resultado de processos naturais e impessoais, sendo o pai dela o acaso.

Logo, o que define as pessoas é a biologia, inclusive quanto à sexualidade, como exemplifica o debate entre o pastor evangélico Silas Malafaia e o geneticista ateu Eli Vieira quanto ao que faz com que uma pessoa seja homossexual. Para o primeiro, a ciência já provou que não existe causa genética, ou seja, biológica, para desejos sexuais por pessoas do mesmo sexo, enquanto o geneticista, representando a visão de mundo naturalista, defende a tese exatamente oposta à do pastor.<sup>31</sup> Foge à discussão deste artigo a questão da homossexualidade. O que se deseja apontar é que, para um dos envolvidos no debate, o geneticista citado, o desejo sexual por pessoas do mesmo sexo é

---

<sup>30</sup> A respeito dessa discussão: LOURENÇO, Adauto. “Desvendando os mistérios da vida”. Disponível em: <<https://www.guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/desvendando-os-misterios-da-vida-coluna-prof-adauto-lourenco.html>>. Acesso em 05 maio 2018; e DAVIES, Paul. “How we could create life”. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/education/2002/dec/11/highereducation.uk>>. Acesso em 05 maio 2018.

<sup>31</sup> A polêmica começou depois que Malafaia deu uma entrevista a Marília Gabriela na qual afirmou que não existe um componente genético para determinar a homossexualidade e que, por isso, a orientação sexual homossexual seria um comportamento fruto de escolhas do sujeito. MALAFAIA, Silas. “Silas Malafaia de frente com Gabi, entrevista completa”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RcPwYopDER4>>. Acesso em 07 maio 2018; VIEIRA, Eli. “Resposta de geneticista a Silas Malafaia” [CC-eng] [Biologist refutes preacher on homosexuality]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3wx3fdnOEos>>. Acesso em 05 maio 2018; MALAFAIA, Silas. “Pastor Silas Malafaia responde ao geneticista Eli Vieira”. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=3DIKS\\_Va894](https://www.youtube.com/watch?v=3DIKS_Va894)>. Acesso em 07 maio 2018.



explicado por questões genéticas. Sendo assim, o comportamento humano é, para a cosmovisão naturalista, determinado por questões meramente biológicas/naturais e não por escolhas pessoais.

Questões sobre aborto (lembrar que o Naturalismo tem dificuldade de definir o que é vida), eutanásia, pesquisa com células tronco e a convivência humana com outras espécies são alguns dos temas que, se respondidos partindo de pressupostos naturalistas, entram em confronto direto com a visão de mundo cristã.

Quanto ao sentido da vida e o valor de cada ser humano, um exemplo de como essas questões se dão na cosmovisão naturalista é o vídeo gravado em um evento no Banco do Brasil (uma instituição pública) com uma preleção do filósofo Sérgio Cortella. O preletor defendeu que o indivíduo, qualquer ser humano, é o “vice-treco do subtroço”, já que cada pessoa é um ente dentro de uma espécie composta, conforme dados da época da palestra (2007), por 6 bilhões e 400 milhões de indivíduos. Além disso, a espécie humana, apenas mais uma das cerca de 3 milhões de espécies catalogadas em nosso planeta, vive “num planetinha que gira em torno de uma estrelinha, que é uma dentre outras 100 bilhões de estrelas compondo uma única galáxia dentre outras 200 bilhões de galáxias, num dos universos possíveis, e que vai desaparecer”.<sup>32</sup>

Diante dessa visão pouco apreciativa das pessoas e do sentido da existência delas, não surpreende que Cortella afirme, no mesmo vídeo, que sua definição preferida de homem seja a dada por Fernando Pessoa: um cadáver adiado. Para o poeta português, além de alguém que espera a morte e que é capaz de procriar, o ser humano é capaz de sonhar, sendo isso que o diferencia de outros animais, embora Pessoa (é uma ironia o nome dele ser esse) chame de loucura essa busca por grandezas. Segue abaixo, na íntegra, o poema intitulado *D. Sebastião, Rei de Portugal*:

Louco, sim, louco, porque quis grandeza  
Qual a Sorte a não dá.  
Mal coube em mim minha certeza;  
Por isso onde o areal está  
Ficou meu ser que houve, não o que há.

Minha loucura, outros que me a tomem  
Com o que nela ia.  
Sem a loucura que é o homem  
Mais que a besta sadia,  
Cadáver adiado que procria?<sup>33</sup>

<sup>32</sup> CORTELLA, Mário Sérgio. “Você sabe com quem está falando?” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H6adMBxFlxQ>>. Acesso em 04 maio 2018.

<sup>33</sup> PESSOA, Fernando. “D. Sebastião, rei de Portugal”. In: *Poesias*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1996, p. 9. O poema analisado faz referência ao monarca que, em 1578, ao desaparecer nas areias

Para o Naturalismo, a esperança da humanidade está na ciência e na tecnologia, que poderão adiar ou evitar a morte. Espera-se também encontrar outro planeta para morarmos antes que o nosso morra por causa do fim dos recursos naturais ou devido a outro colapso ambiental. De qualquer forma, mesmo que se proteja o planeta, o sol, como as outras inúmeras estrelas, morrerá. Daí essa esperança e discussão ser colocada em muitos filmes sobre a humanidade tentando viver fora da Terra. Existirmos: a que será que se destina? Para o Naturalismo, o propósito de nossa existência é, de forma semelhante aos outros animais, procriar.

A *Pós-modernidade* é outra abordagem contemporânea da questão. Dentro da chamada<sup>34</sup> filosofia pós-moderna, encontram-se várias escolas e variações dentro delas, como Existencialismo, Psicanálise, Estruturalismo, Desconstrucionismo, Marxismo Cultural, *New Left*, etc. Autores como Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud, Jean-Paul Sartre, Jacques Derrida, Roland Barthes, Thomas Kuhn, Umberto Eco, só para citar alguns, são importantes para a Linguística, História, Sociologia, Epistemologia, Filologia e Psicologia, dentre outras áreas do saber.

A cosmologia pós-moderna, assim como o Naturalismo, também é uma visão de mundo materialista, pois entende que não existe nada além da matéria e declara a morte de qualquer tipo de metafísica (transcendência) que dê sentido à existência. Quando Friedrich Nietzsche proclamou a “morte de Deus”, pretendia declarar a não existência de qualquer fator fora da realidade material, isto é, a completa ausência de algo que possa funcionar como elemento regulador da ética ou que dê a essência de conceitos como mulher, homem, paternidade, belo, família, etc.:

O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! [...] Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! [...] A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele?”<sup>35</sup>

---

do atual Marrocos, tentando conquistar esse território africano, passou a ser considerado “O Desejado” ou “O Adormecido”, nascendo assim o Sebastianismo, conjunto de crenças místicas e messiânicas que influenciou profundamente o imaginário e a política lusitana e brasileira, como exemplifica a Guerra de Canudos.

<sup>34</sup> O nomenclatura “pós-modernidade” não é de uso unânime. Uma das principais críticas ao seu uso está na falsa compreensão de que a sociedade contemporânea é marcada pela superação do mundo moderno. De fato, aspectos como o otimismo sócio-político e a alta confiança na razão e na ciência, embora fossem acentuados na sociedade moderna, estão em baixa atualmente. Todavia, as pessoas de hoje são, cada vez mais, individualistas e materialistas/consumistas, algo que marcou a modernidade em oposição ao medievo e tem se intensificado ao longo da história ocidental.

<sup>35</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 147. Ver também: *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. 2013. Versão Kindle.

A Pós-modernidade se diferencia do Naturalismo por ter sua ênfase na capacidade de escolha do indivíduo. A “morte de Deus” é a oportunidade de cada pessoa ser o seu próprio deus. É pura idolatria do ego. É o chamado, por Nietzsche, super-homem,<sup>36</sup> o indivíduo que vive à revelia do “próximo”. É a superação do que o filósofo alemão chama de moralidade de rebanho, a sujeição irrefletida das massas aos valores cristãos e burgueses (vontade escrava).

Nessa cosmovisão, somos nossas escolhas. Esse quadro é assim descrito por Anthony Hoekema:

Ao que parece, resta um individualismo total: cada pessoa deve tentar encontrar o seu caminho da *existência não autêntica* para a *existência autêntica*, por meio da tomada de decisões significativas. No entanto, a história como um todo, fica desprovida de sentido [e esperança].<sup>37</sup>

Por exemplo, como não existe uma essência metafísica para o conceito de mulher, essa visão de mundo defende que resta apenas a maneira como cada pessoa (não necessariamente alguém que nasceu com cromossomos sexuais XX) encara o significado de ser mulher. Conforme afirma Simone de Beauvoir.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.<sup>38</sup>

Acima foi relatada a polêmica Silas Malafaia *versus* Eli Vieira. Depois da crítica de Eli Vieira ao pastor, afirmando que a homossexualidade é uma questão genética, surgiram várias críticas ao geneticista acusando-o de determinismo biológico. Para esses críticos, a quem Vieira passou a atacar chamando-os de relativistas doutrinados pelos cursos da área das ciências humanas, o desejo homossexual é questão de escolha. Vieira reflete a visão de mundo naturalista. Os que o acusam de determinista são pós-modernos.<sup>39</sup>

As repostas dadas pela Pós-modernidade para as questões sobre origem, presente e futuro da humanidade interferem em diversas dimensões como economia, ecologia, consumo, política, gênero (nome social, cirurgia de mudança

<sup>36</sup> O termo alemão é *Übermensch*, que, ao pé da letra, significa “além do homem”. É a superação, para Nietzsche, do homem enfraquecido por anos de cristianismo no Ocidente.

<sup>37</sup> HOEKEMA, *O Cristo dos pactos*, p. 35. Grifo no original.

<sup>38</sup> BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p. 9.

<sup>39</sup> Como um exemplo de crítica ao geneticista, ver: MILARÉ, Jéssica. “Crítica à concepção positivista de Eli Vieira”. Disponível em: <<http://travestimarxista.blogspot.com.br/2015/01/critica-concepcao-positivista-de-eli.html>>. Acesso em 07 maio 2018. Para uma resposta de Eli Vieira às críticas a ele: VIEIRA, Eli. “Positivista! Cartesiano! Determinista! E outros xingamentos acadêmicos”. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=aa75DDF2\\_3o](https://www.youtube.com/watch?v=aa75DDF2_3o)>. Acesso em 07 maio 2018.

de sexo, banheiros públicos, esporte, etc.), pesquisas com células-tronco, pena capital, aborto, dentre outras coisas.

Tanto o Naturalismo quanto a Pós-modernidade fazem com que muitas pessoas evitem lidar com a pergunta sobre o propósito de existirmos. Fugir dessas perguntas é uma forma de respondê-las e isso implica em formas de viver e morrer. Essa fuga da reflexão sobre a condição humana é semelhante ao que Zygmunt Bauman descreve, citando o poeta Ralph Waldo Emerson (1803-1882), como alguém que patina em gelo fino, e que, para evitar quebrar o que o sustenta, tem como proteção a velocidade para evitar entrar na água, congelar e afogar-se. Evitando ficar parado e concentrar seu peso em um ponto, o movimento acelerado do patinador é a sua salvação. Segundo o autor polonês, a sociedade contemporânea evita pensar sobre essas questões por meio da correria do dia a dia.<sup>40</sup> Isso se dá porque, ao final das contas, a resposta pós-moderna ao porquê de existirmos é que não há porquê, sobrando apenas a solidão no tentar encontrar um motivo individualista para viver.

### 3. A RESPOSTA À LUZ DO PACTO DA CRIAÇÃO

A única resposta apropriada à pergunta título deste artigo é a dada pelas Escrituras. Como vimos, as respostas anteriores não respondem satisfatoriamente aos nossos anseios mais profundos. Como exposto na introdução, o Pacto da Criação será a base para a discussão aqui para mostrar o porquê de existirmos. Para tratar do Pacto da Criação, os três primeiros capítulos de Gênesis são fundamentais, já que eles não só introduzem o livro em si, o Pentateuco e a Bíblia como um todo, mas são o início do paradigma actual do relacionamento entre Deus e os homens. Muitos dos temas tratados nessa seção bíblica serão retomados ao longo das Escrituras, tais quais: Deus como Criador Soberano sobre tudo; descanso sabático; casamento; trabalho; pecado; a expectativa da Redenção e da vinda de um Redentor; o relacionamento actual divino-humano, etc.

É sabido que a primeira ocorrência da palavra hebraica *berith* (pacto) na Bíblia está em Gênesis 6.18, no contexto do Pacto Noaico. Dois argumentos são suficientes para demonstrar a existência do relacionamento actual entre Deus e o homem antes de Noé. O primeiro é que o fato de a palavra *berith* não aparecer antes não indica a ausência do que ela descreve. A palavra Trindade não aparece nas Escrituras, mas isso não implica em dizer que a doutrina não está lá; a realidade mostra exatamente o contrário, os elementos que sustentam a doutrina trinitária estão na Bíblia. Assim, os elementos constitutivos de um pacto estão presentes em Gênesis 1-3: um relacionamento de amor que possui

---

<sup>40</sup> BAUMANN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 259-260. EMERSON, Ralph Waldo. “Prudence”. Disponível em: <<https://emersoncentral.com/texts/essays-first-series/prudence/>>. Acesso em 04 de maio de 2018.

privilégios e responsabilidades, sob pena de morte quando são quebradas as estipulações pactuais. No caso do Pacto da Criação, ele é soberanamente administrado, pois é Deus quem o institui e preserva.<sup>41</sup>

O segundo argumento para a existência de um pacto entre Deus e Adão diz respeito ao testemunho bíblico direto. Essa é uma discussão exegética extensa, mas ela pode ser resumida assim: a) em Oseias 6.7, é dito que Israel transgrediu o pacto “como Adão”. A discussão em torno dessa tradução é para substituir “como Adão” por “na cidade de Adão” ou “como homem”. Não existe relato de um pecado nacional na cidade chamada Adão (Js 3.16), o que torna mera suposição trabalhar com a tradução como se referindo a um lugar.<sup>42</sup> Quanto a ter o sentido de humanidade (“como homem”), traduzir como um ser humano implicaria em um vínculo pactual entre Deus e uma pessoa fora de Israel, o que não é mencionado na Bíblia e, conseqüentemente, faria pouco sentido para criticar o pecado do povo de Deus. Sendo assim, é preferível a tradução “como Adão”, fazendo referência a uma relação pactual entre Deus e o primeiro homem.

O segundo texto que aponta para a realidade pactual antes do Pacto entre Deus e Noé está em Jeremias 33.20-21:

Assim diz o SENHOR: Se puderdes invalidar a minha aliança com o dia e a minha aliança com a noite, de tal modo que não haja nem dia nem noite a seu tempo, poder-se-á também invalidar a minha aliança com Davi, meu servo, para que não tenha filho que reine no seu trono; como também com os levitas sacerdotes, meus ministros.

O debate gira em torno da questão de se o pacto mencionado (de Deus com o dia e a noite) se refere à criação de mundo ou ao fim do Dilúvio. Tanto Robertson quanto Meister usam Jeremias 31.35-36 como argumento para defender que Jeremias 33.20-21 se refere à criação do mundo. Segundo os dois autores, Jeremias 31.35-36: a) usa um argumento parecido para defender a perpetuidade da relação pactual entre Deus e seu povo; e b) menciona um pacto com o sol, a lua e as estrelas, linguagem parecida com o relato da criação e que não aparece no Pacto Noaico.

Quanto à pergunta de onde veio o universo e de onde veio a humanidade, o Pacto da Criação, conforme Gênesis 1-3, ensina que tudo foi criado por um cuidadoso, amoroso e habilidoso artífice. A Teoria Cosmológica atual estuda o que aconteceu depois do *Big Bang*, não respondendo à questão de onde veio a matéria e a energia extremamente concentradas anteriores à grande expansão. A Escritura começa declarando, digamos assim, na lata, que Deus é antes de todas as coisas e essas “todas as coisas” foram criadas por ele (Sl 148.5; Pv

<sup>41</sup> ROBERTSON, *O Cristo dos pactos*, p. 27; MEISTER, “Uma breve introdução”, p. 120-121.

<sup>42</sup> Ibid.

8.22-27), o que mostra sua eternidade e poder. “No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1), isto é, tudo.<sup>43</sup> O restante da passagem descreve como Deus atua para mudar o “sem forma e vazia” (Gn 1.2) ao longo dos seis dias da criação (tabela 1).

**Tabela 1:** A estrutura do processo de criação de tudo.<sup>44</sup>

SEM FORMA		VAZIA	
Dia	Casa	Dia	Moradores
1	Luz (Gn 1.3-5)	4	Luzeiros (Gn 1.14-19)
2	Firmamento e mares (Gn 1.6-8)	5	Aves e peixes (Gn 1.20-23)
3	Terra e vegetação (1.9-13)	6	Animais terrestres (Gn 1.24-25)

O Criador prepara carinhosamente a casa para seus moradores. Seguindo tal lógica, uma vez que a humanidade é a última a ser criada, pode-se deduzir que a Criação foi preparada como uma casa lindamente decorada (Gn 1.26-31) para o homem. Os privilégios pactuais do primeiro casal também aparecem de outras formas no relato da Criação.

Primeiro, percebe-se a singularidade na forma do relato da criação do homem em Gênesis 1.26. Somente nesse ato criador se enuncia, de antemão, a intenção divina de criar a humanidade. Além disso, o impessoal “haja”<sup>45</sup> é substituído pelo pessoal “façamos” (Gn 1.26). Outro fator importante é que a fórmula “‘e assim se fez’ é substituída por uma bênção tríplice. Assim, o narrador põe ‘a humanidade mais perto de Deus do que o restante da criação’”.<sup>46</sup>

Em segundo lugar, quando o foco da narração é colocado na criação da humanidade (Gn 2:4-25), em contraste com a visão panorâmica de Gênesis 1.1-2.3, dois elementos chamam a atenção para os privilégios pactuais do primeiro casal diante das outras criaturas: (1) é a primeira vez que aparece na Bíblia o nome pessoal de Deus, SENHOR – YHWH (Gn 2.4). Ao invés de usar o nome genérico para Deus (*'Elohîm*), Moisés usa SENHOR Deus (YHWH *'Elohîm*) no momento em que passa a detalhar a criação de Adão. Como afirma Meredith Kline, isso identifica o Criador com o Deus do relacionamento pactual com Israel.<sup>47</sup> O uso de “SENHOR Deus” traz tanta intimidade para a

<sup>43</sup> Segundo Gordon Wenham, o termo “céus e terra” é uma forma de falar da totalidade a partir dos seus extremos. Portanto, Gênesis 1.1 está afirmando que Deus criou o universo. WENHAM, Gordon J. *Genesis 1-15*. Dallas: Word, 1998, p. 15.

<sup>44</sup> Elaborada pelo autor com base no relato bíblico de Gênesis 1.

<sup>45</sup> “Haja” ou equivalentes aparecem em sete atos criativos anteriores.

<sup>46</sup> WALTKE, Bruce K.; FREDERICKS, Cathi. *Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 74.

<sup>47</sup> KLINE, Meredith G. *Genesis: A New Commentary*. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2016, p. 17.

conversa que a Serpente e a Mulher, durante o processo de tentação (Gn 3), evitam usar o nome mais pessoal e usam *'Elohîm* (Deus). Victor Hamilton afirma que a “primeira conversa da Bíblia sobre Deus é sobre *'Ĕlōhîm*, não sobre Yahweh”.<sup>48</sup> *'Elohîm* apresenta Deus como o Soberano Criador do universo, enquanto YHWH o relaciona como aquele que redime seu povo.<sup>49</sup> (2) A outra coisa que chama a atenção, em Gênesis 2.4-25, é a forma como a humanidade foi criada. O texto bíblico diz que Deus, como um artesão, esculpiu o homem e, como um construtor, fez a mulher. Isso mostra o Criador como alguém que se envolveu fisicamente na feitura de Adão e Eva. Além disso, ele soprou nas narinas do homem “o fôlego de vida” (Gn 2.7), algo completamente singular no relato, mostrando o quanto o ser humano é especial.

A terceira característica singular do primeiro casal, quando comparados às outras criaturas e que mostra seus privilégios pactuais, tem a ver com a criação deles à imagem e semelhança de Deus. Embora outras criaturas tenham vida, algo que, como já vimos, o Naturalismo não consegue definir, a vida dada aos homens é completamente diferente. Biblicamente falando, vida não é meramente matéria energizada, como afirma a cosmovisão naturalista. Isso seria o Frankenstein. Em Gênesis 1 e 2, narra-se que o Criador fez as plantas e animais “segundo as suas espécies” (Gn 1.11, 21, 24) e que Deus criou a humanidade à sua “imagem” e “semelhança” (Gn 1.26).<sup>50</sup> Como afirma Bruce Waltke:

A compreensão veterotestamentária de “alma” (*nepes̄*) [...] significa “vitalidade emocional”. Juntamente com o restante das criaturas, os seres humanos têm ímpetos e apetites para o alimento e o sexo [procriação, algo que as plantas possuem]. O que distingue a humanidade dos animais é a *imago Dei* e um apetite emocional em direção a Deus (cf. Sl 42.1). Nossa *nepes̄* distintiva nos distingue do resto da criação, porém mais importante é a *imago Dei* que nos põe à parte para Deus.<sup>51</sup>

<sup>48</sup> HAMILTON, Victor P. *The Book of Genesis: Chapters 1-17*. Grand Rapids: Eerdmans, 1990, p. 153. Sobre a questão do uso de SENHOR Deus ao invés de apenas Deus como apontado para o relacionamento pactual de Deus com Adão e seus descendentes, Gordon Wenham afirma que, sem dúvida, os dois nomes são combinados para sugerir que “esta história revela tanto o caráter de Deus como soberano criador do universo (Deus) quanto seu íntimo relacionamento pactual com a humanidade (SENHOR)”. WENHAM, *Genesis 1-15*, p. 87. Minha tradução.

<sup>49</sup> WALTKE e FREDERICKS, *Genesis*, p. 99.

<sup>50</sup> Tanto as plantas quanto os animais e os humanos tinham a capacidade de se reproduzir (Gn 1.11-12, 22, 28). Embora Deus não abençoe os animais terrestres com a fecundidade, isso não quer dizer esterilidade, tem mais a ver com o domínio sobre o espaço. As aves foram abençoadas para dominarem os céus, os peixes, as águas, e os homens, a terra. Segundo Bruce Waltke: “É notável a ausência da bênção nos animais terrestres. Não podem exercer domínio sobre a humanidade, a qual é abençoada para governá-los. Os peixes e as aves, contudo, recebem bênção, visto que habitam diferentes esferas e não constituem ameaça às pessoas”. *Ibid*, p. 74.

<sup>51</sup> WALTKE e FREDERICKS, *Genesis*, p. 83.

A criação de Adão à imagem e semelhança de Deus possui muitas interpretações. Uma delas é essa inclinação em direção a Deus apontada por Waltke. Calvino chama esse “apetite emocional em direção a Deus” de senso da divindade (*sensus divinitatis*), que é a semente religiosa (*semen religionis*) que direciona o coração de cada pessoa para o sagrado, para a transcendência. Faz parte, portanto, do Pacto da Criação, essa busca pelo Criador; estava em Adão e está em toda a humanidade, mesmo depois da Queda.<sup>52</sup> Com a entrada do pecado no mundo, essa inclinação constituinte da *imago Dei* foi corrompida. Por isso, ao invés de adorar ao Deus que o criou, o homem constrói deuses conforme sua própria imagem. Essa é a base da idolatria.

Portanto, o ateísmo, o negar a existência de um Criador, é uma decisão deliberada, não algo natural. Essa é a escolha do Naturalismo e da Pós-modernidade, que são formas de idolatria, uma vez que, como qualquer outra cosmovisão, partem de pressupostos religiosos. No final das contas, fomos criados por Deus e tudo na nossa vida parte de como nos relacionamos com ele, passa pelo Pacto da Criação, mesmo que seja negar sua existência ou viver como se ele não existisse, quebrando as estipulações pactuais que fazem parte do ser *imago Dei*. Isso é o que Herman Dooyeweerd chama de “motivos religiosos básicos [*religieuze grondmotieven*]”, que, segundo ele,

É uma força orientadora absolutamente central porque, a partir do centro religioso da vida, governa as expressões temporais e aponta para a verdadeira ou suposta origem de toda a existência. No sentido mais profundo possível, determina toda a maneira de viver da sociedade e sua visão de mundo.<sup>53</sup>

Sendo assim, a ciência (naturalista, pós-moderna ou qualquer outra), “no seu próprio ponto de partida, é orientada por um motivo religioso”.<sup>54</sup> Qualquer que seja a cosmovisão de alguém, parte necessariamente de como a pessoa entende de onde veio, quem é e para onde vai; tem profunda ligação com o relacionamento dela com Deus.

A *imago Dei* também faz do homem um ser espiritual. Isso também o diferencia dos outros seres vivos do mundo. Como consequência de Deus e homem compartilharem da natureza espiritual, isso possibilita uma maior intimidade pactual entre eles: “Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4.24).<sup>55</sup> Além disso, a criação à imagem

<sup>52</sup> Calvino chega a afirmar que “no coração de todos jaz gravado o senso da divindade”. CALVINO, João. *As Institutas: Edição Clássica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, vol. I, p. 47.

<sup>53</sup> DOOYEWEERD, Herman. *Raízes da cultura ocidental: As opções pagã, secular e cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 22.

<sup>54</sup> Ibid.

<sup>55</sup> GRONINGEN, Gerard van. *Criação e consumação: o reino, a aliança e o Mediador*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, vol. I, p. 84.



e semelhança de Deus faz com que a humanidade seja capaz de ter relacionamentos de amor, pense de maneira autoconsciente e autocrítica, possua senso e habilidades estéticas, e tome decisões morais.<sup>56</sup>

O quarto e último elemento que diferencia Adão e Eva do restante da Criação é que eles foram colocados como vice-regentes do mundo. Ao mesmo tempo que isso é um privilégio, é também uma responsabilidade pactual.

Todos esses privilégios pactuais, que marcam profundamente a diferença entre os seres humanos e os demais seres vivos criados nesse mundo, mostram como a Teologia do Pacto da Criação dá extremo valor tanto ao mundo criado quanto ao homem. Mesmo com a Queda, há um valor inerente à humanidade, principalmente porque ela é *imago Dei*. Daí decorre o motivo pelo qual Deus estabeleceu a pena capital para o homicídio, pois ele “fez o homem segundo a sua imagem” (Gn 9.6). Essa dignidade da vida humana também faz com que os cristãos sejam contrários ao aborto, à eutanásia e a outras coisas que não respeitem o fato de cada homem e cada mulher ser *imago Dei*, o que também explica a oposição cristã, dentre outros fatores, à prostituição, pornografia, etc.

Outro aspecto importante da doutrina do Pacto da Criação é a maneira como ele foi violado na Queda. Deus deu muitos privilégios ao homem, mas também, responsabilidades. O Criador, como Rei do universo, conferiu aos seus vassalos estipulações pactuais que deveriam ser observadas, sob pena de morte caso fossem quebradas. Palmer Robertson está correto quando acusa a teologia de muitas vezes ignorar que as ordenanças de Deus ao homem não se limitavam a não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal.<sup>57</sup> Isso implicou, ao longo da história da Igreja, em negligência das ordenanças pactuais e criacionais ligadas aos deveres sociais, culturais e espirituais do homem. Como consequência, muitos cristãos não percebem as dimensões globais da redenção, limitando o reino inaugurado pelo Messias à vida eclesiástica.

As estipulações pactuais podem ser resumidas em três gerais e uma focal, essa última significando “a responsabilidade mais específica do homem, decorrente do momento especial de prova ou teste instituído por Deus”, ou seja, o não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal.<sup>58</sup> As três ordenanças gerais estão ligadas aos temas do (a) trabalho, (b) casamento e (c) descanso sabático. Por causa desses três deveres decorrentes do Pacto da Criação, todos os seres humanos possuem responsabilidades que interferem nos diversos aspectos da vida, tais como economia, ecologia, política, arte, sociedade, família, educação, etc.

<sup>56</sup> Ver STOTT, *Ouçã o Espírito, ouçã o mundo*, p. 40-42.

<sup>57</sup> Robertson e Meister descrevem as ordenanças do Pacto da Criação de formas diferentes. Neste artigo, segue-se a divisão conforme o primeiro. ROBERTSON, *O Cristo dos pactos*; MEISTER, “Uma breve introdução”.

<sup>58</sup> ROBERTSON, *O Cristo dos pactos*, p. 61-62.

Quanto ao aspecto focal do Pacto da Criação, há uma grande discussão quanto ao que significa comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. Por causa da sugestão da Serpente<sup>59</sup> de que consumir a fruta faria o homem alguém igual a Deus (Gn 3.5) e da declaração do Senhor de que a humanidade se tornou igual a ele após comer da árvore proibida (Gn 3.22), o texto indica um desejo de autonomia.<sup>60</sup> Ironicamente, antes de comer, a humanidade só conhecia o bem. Ao querer ser como Deus (embora já fossem *imago Dei*) e desejar conhecer autonomamente o bem e o mal, passaram a conhecer só o mal. Conforme Waltke: “Menciona-se primeiro a ‘árvore da vida’, mas a segunda árvore focaliza Adão e Eva. A busca primária da humanidade é por poder, não por vida”.<sup>61</sup>

O aspecto focal do Pacto da Criação foi quebrado, mas isso não significa anulação completa do relacionamento pactual, visto que o homem não tem poder para tal.<sup>62</sup> O Pacto da Graça é um novo elemento no Pacto da Criação.<sup>63</sup> A humanidade passa a sofrer as consequências da Queda: (a) inimizade com Deus (que podemos chamar de morte espiritual); (a) doenças (no corpo, nas emoções, no entendimento e na vontade), envelhecimento e morte física; e (c) morte eterna (separação de Deus e sofrimento eterno). A humanidade foi separada de Deus (comunhão presente), foi separada das bênçãos da comunhão pactual com ele (vida, vida em abundância e vida com sentido) e foi separada da comunhão eterna com o Criador. Como consequência, a corrupção passou a marcar a relação do homem com Deus, com o próximo e com toda a criação.

O mesmo capítulo que narra a queda promete o Redentor. Por meio do Pacto da Graça, Deus atuará para salvar parte da humanidade, os que fazem parte da “semente da mulher”. O propósito de comunhão do Pacto da Criação, suas três ordenanças gerais (família, trabalho e descanso sabático), ainda fazem parte das responsabilidades humanas por causa da *imago Dei*. Os objetivos do Pacto da Criação e do Pacto da Graça são correspondentes, pois “mediante a redenção, os propósitos originais da criação são atingidos – ou mesmo superados”.<sup>64</sup>

---

<sup>59</sup> Sabemos que a Serpente representa Satanás por causa de passagens como Rm 16.20; Ap 12.9 e 20.2.

<sup>60</sup> Para a interpretação do primeiro pecado como desejo de autonomia, ver WALTKE e FREDERICKS, *Gênesis*, p. 103, 109 e 123; WENHAM, *Genesis 1-15*, p. 87; HAMILTON, *The Book of Genesis*, p.190; e KIDNER, Derek. *Gênesis*. São Paulo: Vida Nova, 1979, p. 64.

<sup>61</sup> WALTKE e FREDERICKS, *Gênesis*, p. 101.

<sup>62</sup> MEISTER, Mauro F. “Uma Breve Introdução ao Estudo do Pacto (II)”. *Fides Reformata* IV-1 (1999), p. 98: “O pacto quebrado não é anulado. O homem não tinha qualquer condição de anular o pacto; antes, só podia submeter-se à realidade do mesmo, a bênção ou maldição que ele traria”.

<sup>63</sup> *Ibid.*, p.102.

<sup>64</sup> ROBERTSON, *O Cristo dos pactos*, p. 58.

A promessa-mãe do Redentor (Gn 3.15), também chamada protoevangelho, orienta todo o Antigo Testamento, no qual se espera um filho que é gradativamente especificado: descendente da mulher, descendente de Abraão (Gn 22.18), descendente da Tribo de Judá (Gn 49.10), descendente de Davi (2Sm7.12-13). Ao longo dos textos veterotestamentários, o Redentor passou a ser entendido como alguém que une e plenifica três ministérios ungidos, a saber, o rei de origem davídica (por exemplo, Is 9.7 e Ez 34.24), o sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (Sl 110.4) e o profeta maior do que Moisés (Dt 18.15). Outros títulos dados ao Redentor são “servo sofredor” (Is 42.1-4; 49.5-7; 52.13-15 e 53.1-12) e “filho do homem” (Dn 7.13-14). A vinda do Redentor também estava ligada à vinda de YHWH para viver no meio do seu povo; por isso essa pessoa tão aguardada pode ser chamada de Emanuel, “Deus conosco” (Is 7.14). Segundo Palmer Robertson, essa é a essência do relacionamento pactual do Senhor com os crentes, pois a Bíblia registra de forma recorrente YHWH dizendo que será Deus dos eleitos e que os eleitos serão seu povo, o que aponta para a unidade das várias ministrações do mesmo pacto. A isso Robertson chama de Princípio Emanuel do Pacto: “O coração da aliança é a declaração de que ‘Deus está conosco’”.<sup>65</sup>

Embora o Novo Testamento não chame Jesus com o título de Redentor, os títulos dados a essa pessoa esperada são aplicados a Cristo no texto neotestamentário, como exemplificam “Filho do Homem”, “Filho de Davi”, “Cristo”, “Filho de Deus”, etc. Além disso, é-nos dito que Jesus, por meio de sua morte, nos trouxe a redenção. Para citar um exemplo: “Nele [Cristo] temos a redenção [*apolytrosis*] por meio de seu sangue, o perdão dos pecados” (Ef 1.7, NVI). A palavra grega para redenção traz o sentido de libertação de um escravo por meio do pagamento do valor do resgate: “O próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate [*lytron*] por muitos” (Mc 10.45). Antes os homens eram escravos do pecado; agora são libertos por Jesus, que pagou um alto preço para os libertar. O Pai “nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, a saber, o perdão dos pecados” (Cl 1.13-14, NVI).

O Reino dos Céus já começou, mas aguarda-se sua consumação. Essa tensão entre o “já” e o “ainda não” faz com que os crentes se sintam desejosos de participar da restauração de todas as coisas vivendo conforme as estipulações pactuais, inclusive as do Pacto da Criação. Os cristãos devem levar a sério suas responsabilidades em todos os aspectos de suas vidas.

Na chamada Grande Comissão (Mt 28.18-20), Cristo, o Redentor, é descrito como tendo toda (*pas*) autoridade. Ele envia os discípulos a irem por

<sup>65</sup> Ibid., p. 45.

todo (*pas*) o mundo, fazendo discípulos, que devem aprender e viver tudo (*pas*) que o Senhor ensinou. Os discípulos, tanto os que ouviram diretamente Jesus falando naquele momento quanto os que vieram depois ou ainda virão, podem descansar na promessa de que o amado Pai está com os seus filhos todos (*pas*) os dias até a sua volta. Afinal, Cristo realiza o Princípio Emanuel do Pacto. Ele, segundo a estrutura literária de Mateus, é “Deus conosco” do início (Mt 1.23) ao fim (Mt 28.20).

Conforme o Pacto da Criação, existimos por bondade de Deus. Ele nos criou de forma especial e isso inclui a capacidade de nos relacionarmos pessoalmente com ele. Embora o relacionamento tenha sido maculado pela queda, por meio do Pacto da Graça fomos redimidos, nossa relação com Deus foi restaurada, embora ainda não tenha sido consumada, não tenha se tornado perfeita, algo que se dará na segunda vinda do Senhor. Todo ser humano tem dignidade inerente porque é *imago Dei*, mesmo que seja uma imagem caída. Todo cristão tem ainda mais valor, pois, ao viver imitando a Cristo se torna cada vez mais parecido com a perfeita *imago Dei*, o próprio Jesus (2Co 4.4 e Cl 1.15), sendo esse o porquê de nossa existência.

## CONCLUSÃO

Ao longo do artigo, procurou-se mostrar que as cosmovisões naturalista e pós-moderna não respondem adequadamente à pergunta – “Existirmos: a que será que se destina?” Suas respostas são idólatras e, portanto, pecaminosas, uma vez que não reconhecem o único Deus, Criador dos céus e da terra. Além disso, elas dão pouco valor ao ser humano, já que ele é filho do acaso e seu futuro não é nada melhor do que a morte. A única resposta correta parte da autorrevelação de Deus, conforme encontramos nas Escrituras, que testificam a respeito de Jesus Cristo, o Redentor aguardado desde a Queda. No artigo, deu-se maior ênfase aos aspectos ligados ao Pacto da Criação, embora, como visto, o Pacto da Graça também tenha sido discutido, mesmo que de forma sucinta. Isso se deve ao fato de que um está ligado ao outro. Há continuidade entre os pactos, pois o primeiro é fundamento e norma para a vida dos redimidos no mundo criado por Deus. Conforme Craig Bartholomew, a Teologia dos Pactos

nos alerta para os diferentes estágios nos propósitos de Deus que se desdobram e sua continuidade e enraizamento na Criação. A compreensão reformada da aliança é como dinamite quando se trata de minar o dualismo que é tão predominante no pensamento evangélico contemporâneo.<sup>66</sup>

Essa visão ajuda a igreja a não cair em uma cosmovisão que despreza a vida neste mundo. Já vivemos para a glória de Deus hoje. Cristo é o nosso

---

<sup>66</sup> BARTHOLOMEW, “Covenant and creation”, p. 31. Tradução do autor.

passado, presente e futuro. A nossa identidade é muito mais do que o RG, impressão digital, DNA, redes sociais, ideologias políticas, escolhas pessoais, profissão, carreira, amigos ou mesmo família. Nossa identidade está em nosso relacionamento com o Deus Trino. O Criador chamou o mundo à existência em Gênesis 1.1 pelo poder de sua Palavra. Em Gênesis 12.1, também pelo poder de sua Palavra, ele chamou à existência o seu povo. Pelo poder de sua Palavra, ele nos introduz nesse povo, nos introduz na Nova Criação (2Co 4.6).

Podemos resumir a resposta bíblica à pergunta de Caetano Veloso citando os Catecismos de Westminster, tanto o Maior quanto o Menor: “O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”.<sup>67</sup> Algo semelhante disse Agostinho de Hipona: “Fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti”.<sup>68</sup> João Calvino, no *Catecismo de Genebra*, no qual provavelmente se fiaram os Catecismos de Westminster, ensina que a vida humana tem como propósito a glória de Deus e isso também é o melhor bem que uma pessoa pode ter. “Existirmos: a que será que se destina?” O pastor de Genebra responde ao poeta da Bahia:

Mestre: Qual é o fim principal da vida humana?

Aluno: Conhecer Deus, por quem os homens foram criados.

Mestre. Que razão você tem para dizer isso?

Aluno: Porque Ele nos criou e nos colocou neste mundo para ser glorificado em nós. E é fato certo que a nossa vida, da qual Ele mesmo é o começo, deve ser devotada à sua glória.

Mestre: Qual é o bem supremo do homem?

Aluno: Exatamente a mesma coisa.

Mestre: Por que você sustenta que seja o bem supremo?

Aluno: Porque sem isso a nossa condição é pior do que a dos animais irracionais.

Mestre: Assim, então, vemos claramente que nada pior pode acontecer ao homem do que não viver para Deus.<sup>69</sup>

## ABSTRACT

The only correct answer to the question of why we exist is the one provided by Scripture. The purpose of this article is to demonstrate that. To that end, the issue of human existence is analyzed from the perspective of the Covenant of Creation, more pointedly as it is expressed in Genesis 1-3. As taught by the Reformed worldview, we were created to glorify God and this is what gives meaning to life. Various worldviews in contemporary society give different answers to this fundamental question, the two most important today

<sup>67</sup> *Catecismo Maior de Westminster*, 1.1; *Breve Catecismo de Westminster*, 1.

<sup>68</sup> AGOSTINHO DE HIPONA. *Confissões*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 25.

<sup>69</sup> CALVIN, John. “Catechism of the Church of Geneva”. In: CALVIN, John. *Tracts Relating to the Reformation*. Edinburgh: Calvin Translation Society, 1849, v. 2, p. 37-38. Minha tradução.

being Naturalism and Post-modernity, which will be compared to Reformed theology. For the naturalist worldview, we are the children of chance and the reason why we exist is procreation. On one hand, post-modernity agrees with the naturalist perspective regarding our origin; on the other, it considers life meaningless.

**KEYWORDS**

Reformed theology; Covenant theology; Covenant of creation; World-view; Genesis 1-3; Naturalism; Post-modernity.